

O MASSACRE DE DAWAYIMA

الدوايمة 1948

Dr. Salman Abu Sitta
Daleen Saah

MEM 

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Este documento foi publicado originalmente em inglês pela Palestine Land Society

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título:

O massacre de Dawayima, 1948

Imagem de capa: Mapa de Dawayima, década de 1940, Censo da Palestina [Arquivo]

Publicado em junho de 2023.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Estado de São Paulo, Brasil
www.monitordooriente.com

O MASSACRE DE DAWAYIMA, 1948

PALESTINE LAND SOCIETY

Este documento foi publicado originalmente em inglês pela organização de pesquisa e estudos acadêmicos [Palestine Land Society](#), em abril de 2023.

DR. SALMAN ABU SITTA

Pesquisador palestino, conhecido por seu projeto de mapeamento da Palestina dos séculos XIX, XX e XXI e por desenvolver um plano prático para implementar o direito de retorno dos refugiados palestinos. Autor de seis livros e mais de 300 artigos. Presidente e fundador da Palestine Land Society.

DALEEN SAAH

Artista multidisciplinar radicada em Los Angeles. Sua obra busca dar voz às formas de expressão criativa árabe-palestinas, ao abordar temas como identidade, política e cultura.

INTRODUÇÃO

A limpeza étnica imposta pelo exército israelense e suas milícias coloniais sionistas sobre as 560 aldeias e cidades palestinas destruídas em 1948 não poderia ocorrer sem uma campanha organizada de chacinas e atrocidades, das quais 156 estão registradas na tabela 3.2 do [Atlas da Palestina \(1917-1966\)](#).

A invasão sionista que começou em abril de 1948 levou ao despovoamento de 220 aldeias e cidades em apenas seis semanas, até 14 de maio de 1948, às vésperas da criação do Estado de Israel, quando a Palestina estaria sob suposta proteção do Mandato Britânica, antes mesmo de que qualquer força árabe regular pudesse intervir.

Os massacres cometidos contra o povo palestino foram uma arma deliberada de limpeza étnica.

Houve elementos em comum, por exemplo:

1. Ataques conduzidos apesar de acordos de paz estabelecidos entre colonos e residentes nativos;
2. Ataques conduzidos antes de ser declarado o Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, enquanto a Palestina estava sob suposta proteção do Mandato Britânico, resultando no brutal despovoamento de 220 aldeias e cidades, cuja população e seus descendentes abarcam metade do total de refugiados hoje;
3. Ataques com formação militar avançada, em número muito superior aos eventuais defensores, por exemplo, um batalhão de duzentos ou trezentos soldados israelenses, armados até os dentes, contra uma dúzia de camponeses palestinos e suas espingardas antigas;

4. Ataques de três direções distintas, deixando o quarto lado do perímetro aberto para a expulsão dos residentes. A rota de fuga tinha como direção o norte da Galileia, a região central da Palestina, a leste, e o sul da Palestina.
5. Após a tomada das terras, sem qualquer eventual justificativa, mesmo militar, homens, mulheres e crianças eram executados. Assassinatos cruéis e arbitrários. Soldados armados chutando portas, de casa em casa, matando pessoas. Civis fuzilados nas ruas e nas estradas.
6. Terrorismo deliberado. Crianças mortas com uma machadada na cabeça. Soldados diziam à mãe: “Vá embora e diga aos outros o que aconteceu”. (Abu Shusha, Dawayima).
7. Buscas armadas em cavernas, onde se escondiam as mulheres e aqueles que não podiam resistir. Então, eram aterrorizados. Os homens eram levados e mortos. Seus corpos, atirados em um poço ou em valas comuns escavadas no local (Safsaf, Dawayima).
8. Assassinatos em massa. Sobreviventes tinham de cavar as sepulturas com as próprias mãos. (Tantoura, Bi’na, Majd el Kuroum, Eilaboun).
9. Expulsão. A marcha dos sobreviventes a uma aldeia próxima, ainda não ocupada, cercados por duas fileiras de soldados sionistas, que atiravam contra seus pés e sobre suas cabeças. (Abu Shusha, Lydda).
10. Revista dos sobreviventes por quaisquer bens de valor. Mulheres que carregavam joias de família eram agredidas e roubadas, ao ponto de ter suas orelhas rasgadas pelos soldados para expropriarem seus brincos ou ter seus dedos cortados, por seus anéis. (Safsaf, Ayn el Zeitoun).

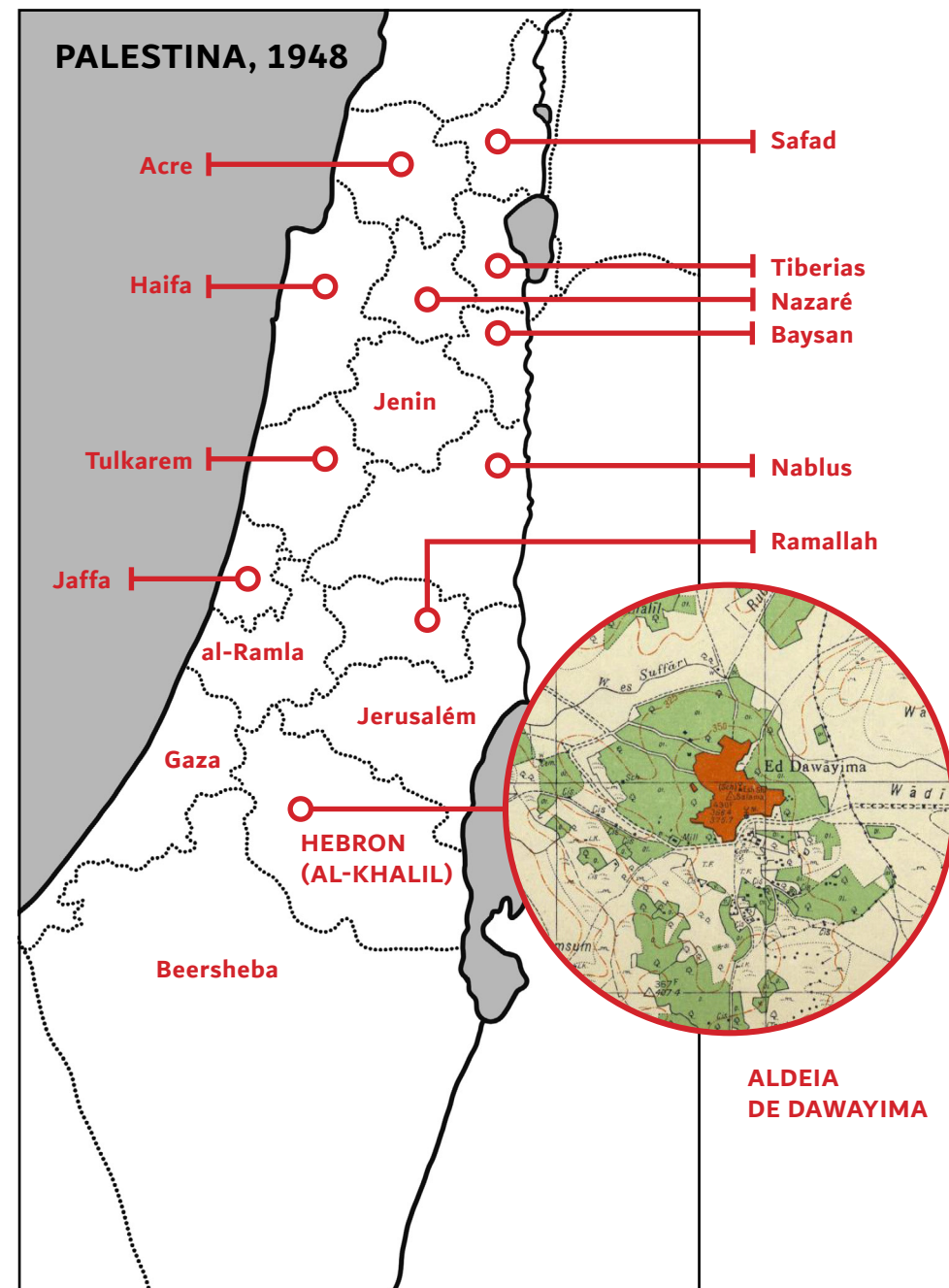
11. Ataques contra aqueles que tentavam retornar. Disparos a esmo, envenenamento de poços com bactérias da cólera ou da febre tifoide, roubo de terras, queima de colheitas, demolição de casas.

Todos os massacres são bárbaros. Mas poucos episódios na história recente parecem superar as atrocidades deliberadas do massacre de Ed Dawayima, que descrevemos a seguir.

A HISTÓRIA DE DAWAYIMA

Ed Dawayima era uma aldeia árabe-palestina no subdistrito de Hebron (Al-Khalil), destruída em 1948. Situava-se no topo de uma vasta colina rochosa, na parte oeste das montanhas de Hebron. Pesquisadores estimam que Dawayima se localiza no mesmo lugar da aldeia de Bishkeh, mencionada no Velho Testamento (Josué 15:39).

Em 1948, a aldeia tinha uma população de 4.304 pessoas, representando diversos clãs e famílias. A área de Dawayima tinha a forma de uma estrela – negócios se expandiam a todas as direções. Havia uma mesquita no centro da aldeia. Lojas se espalhavam para dentro dos bairros, junto de casebres de pedra e barro, separados uns dos outros por becos e vielas. A economia da aldeia era baseada sobretudo na agricultura, com terras férteis para o cultivo de trigo, cevada, milho, lentilha, azeite, figos, uvas e romãs, entre outras frutas e vegetais. Dawayima tinha boas relações com Hebron, Gaza e as comunidades vizinhas, além das cidades de Jaffa e Haifa. A aldeia possuía ainda diversos sítios arqueológicos e religiosos com certo destaque e uma população próspera e pujante.



SIONISMO

Após a infame Declaração Balfour, de 2 de novembro de 1917, e a instauração do Mandato Britânico na Palestina histórica, em 1922, para impedir a independência do país, este se tornou destino de uma enxurrada de colonos judeus oriundos da Europa, carregando consigo a ideologia sionista de assentamento à força nos territórios palestinos. O sionismo é uma ideologia colonial que defende um etnoestado exclusivamente judaico, construído sobre terras palestinas, conforme a remoção absoluta de seus habitantes nativos, por todos e quaisquer meios.

O sionismo é inerentemente racista em seu caráter de exclusão, imposto contra os palestinos. Para que se materialize, o sionismo demanda limpeza étnica e constante desraizamento do povo palestino, perpetrados em 1948 mediante os sucessivos massacres contra mais de 500 aldeias, ainda em curso na forma do terrorismo de Estado e da violência colonial israelense contra os palestinos, com o objetivo de anexar ilegalmente suas terras.

A Declaração Balfour, promulgada pelo chanceler britânico em 1917, prometeu um lar nacional para o povo judeu na Palestina histórica, ao sugerir a criação de um Estado palestino. Esta etapa jamais aconteceu. O Mandato Britânico consagrou plenos direitos civis e políticos à minoria judaica na Palestina histórica – isto é, cerca de 5% da população, com posse de 2% das terras –, no entanto, negou-se a reconhecer os direitos políticos da maioria árabe nativa – estimada em 95% da população.

Com o fim do Mandato Britânico – responsável por criar o problema, em primeiro lugar –, a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs um Plano de Partilha para a Palestina (Resolução 181 de 29 de novembro de 1947), com 55% do território a ser concedido à minoria judaica e 45% à maioria árabe. Sob a proposta, Jerusalém seria considerada “corpus separatum” – território internacional.



David Ben-Gurion lê a Declaração da Independência de Israel sob um retrato do fundador do sionismo, Theodor Herzl, em Tel Aviv, 14 de maio de 1948
[Rudi Weissenstein/Ministério de Relações Exteriores de Israel]

Na época, imigrantes judeus já consistiam em 30% da população, mas controlavam apenas 6% das terras. Metade do país a ser governado por colonos europeus seria palestina. Entretanto, nenhum plano de deslocamento foi autorizado. O Plano de Partilha era somente uma ideia, sem poderes vinculativos, abandonado pela ONU em março de 1948.

Os britânicos, cuja obrigação legal sobre a Palestina incluía proteger sua população nativa, não foram apenas responsáveis por formalizar o projeto colonial sionista, como negligenciaram os direitos palestinos por independência e liberdade plenas. Ademais, não conduziram quaisquer esforços para proteger essa mesma população nativa dos subseqüentes massacres e campanhas de expulsão, transferência e limpeza étnica.

LIMPEZA ÉTNICA

A recomendação da ONU para dividir a Palestina em dois Estados deu vazão a um novo período de conflitos e sofrimento, sob uma arena de guerra deveras assimétrica.

A fim de conferir materialidade a seu novo Estado judaico, organizações terroristas foram criadas com intuito de remover a vida palestina das aldeias almeçadas: massacres foram então conduzidos como armas dessa campanha de limpeza étnica.

Tais massacres e os atos subsequentes de intimidação foram executados por grupos como Haganah, Irgun e Lehi (Gangue Stern), resultando na expulsão em massa dos palestinos nativos de suas residências, terras e negócios, tanto nas áreas urbanas quanto rurais.

A limpeza étnica se tornou possível pela grande disparidade de forças entre as milícias coloniais judaicas e os habitantes originários da Palestina. As milícias possuíam um contingente potencial de 185 mil homens, entre 16 e 50 anos, incluindo veteranos da Segunda Guerra Mundial. Seu arsenal era também muito superior às armas em posse dos palestinos. Além disso, as milícias tinham a seu dispor verdadeiras fábricas de armas e veículos blindados, com uma capacidade irrestrita de munição produzida em âmbito local.

Do lado palestino, o Reino Unido agiu para manipular a quantidade de munição disponível aos exércitos do Egito e, sobretudo, da Jordânia. Os palestinos tinham cerca de 2.500 combatentes dispersos em dezenas de cidades e centenas de aldeias. Suas armas eram espingardas velhas, pouquíssimas metralhadoras, sem tanques ou artilharia. Não havia também comando central ou comunicação sem fio. Na melhor das hipóteses, conseguiam realizar pequenas operações de defesa, ao correr de uma comunidade a outra, à medida que as aldeias clamavam por socorro.



Soldados do Palmach nas ruínas de Beersheba, em 21 de outubro de 1948
[Foto de arquivo]

O contingente israelense, fortemente treinado, equipado e organizado, excedia por ampla margem os números e o poderio da esparsa e precária defesa civil da Palestina histórica.

Em abril de 1948, o contingente das milícias sionistas chegou a 65 mil homens, incluindo veteranos das guerras europeias. Os sionistas fabricavam munição e tanques, sem qualquer empecilho do suposto embargo militar do Reino Unido. Por outro lado, os palestinos estavam indefesos, sem comando central ou comunicação moderna. As tropas irregulares de voluntários árabes era uma amálgama pouco eficiente, que mais causou danos do que ajudou de fato.

Tudo isso contradiz as alegações israelenses de que, ao expulsar os palestinos de suas terras, as tropas coloniais agiam em autodefesa e que os refugiados foram danos colaterais de um conflito, em vez de uma consequência coordenada de um plano de longa data de limpeza étnica.

Nos primeiros três meses de 1948, as gangues coloniais perpetraram uma série de atentados terroristas, incluindo ao explodir ônibus e residências. A limpeza étnica ganhou nitidez. Os palestinos eram assassinados e expulsos de suas casas meramente devido a sua identidade e às pretensões de posse dos agentes coloniais sobre as terras em questão.

O Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas define limpeza étnica como intenção de um determinado regime de impor supremacia étnica sobre um território misto, ao aplicar atos de violência, transferência à força, entre outros. A limpeza étnica é configurada como crime de lesa-humanidade, passível de punição sob o direito internacional.

PROPAGANDA SIONISTA

A colonização sionista da Palestina história é um projeto repleto de mitos, mentiras e falácias, complementado com uma verdadeira caça às bruxas e demonização daqueles que buscam denunciá-lo.

Tudo começou no século XIX, com o mito de que a Palestina era uma terra vazia. O argumento instigou autoridades europeias – que queriam se livrar de seus compatriotas judeus – a reivindicar a “restauração” de seu país, supostamente vago, nas terras da Palestina histórica.

Tamanha falácia ganhou terreno entre acadêmicos e exploradores franceses, alemães e sobretudo britânicos, que redigiram tomos e mais tomos e esboçaram mapas das milhares de aldeias e cidades palestinas. Tais localidades estão registradas nos livros do bispo palestino Eusébio, publicados em torno de 313 d.C., sete séculos antes de surgir o sionismo.

Nada disso impediu Golda Meir de dizer, em 1969: “Não existe essa coisa de palestinos”. De fato, o mito de uma “terra sem povo para um povo sem terra” era um plano para esvaziar o país por meio de massacres.

O chamado pelo “retorno” dos judeus à “terra do leite e do mel”, como dizem os cartazes do Fundo Nacional Judaico (FNJ) da década de 1930, buscavam atrair europeus em massa à Palestina. Muitos chegaram ao país, sobretudo após os horrores da Segunda Guerra; porém, em formações armadas de cem mil soldados, cuja missão era desraigar centenas de comunidades, cometer dezenas de chacinas e transformar os nativos em refugiados, sem direito de retorno até hoje.

Desde os primórdios do Mandato Britânico, os sionistas agiram para se infiltrar nas terras, como preparativo para a criação de seu Estado.



Cartazes sionistas convocam colonos à “batalha pela terra”
[Fundo Nacional Judaico/Arquivo]

O HAGANAH E A AGENDA SIONISTA

Entre as milícias sionistas, estava o Haganah, que se tornaria, mais tarde, o alicerce das chamadas Forças de Defesa de Israel (FDI). Entre 1920 e 1948, o Haganah agiu como organização terrorista ao invadir comunidades e realizar massacres em toda a Palestina histórica, culminando em um processo de limpeza étnica, que combina força bruta e intimidação.

A partir de 1945, o Haganah produziu quatro planos militares, que incorreram na criação de Israel e na expulsão dos palestinos. São estes:

PLANO A

Escrito em fevereiro de 1945 como adendo aos objetivos políticos da “declaração de independência”. Seu intuito era suprimir a resistência palestina à tomada sionista de partes da Palestina.

PLANO B

Redigido em setembro de 1945, veio à tona em maio de 1947, para substituir o Plano A diante dos novos acontecimentos, dentre os quais, o encaminhamento britânico da questão palestina às ONU e a crescente oposição dos Estados árabes vizinhos ao Plano de Partilha.

PLANO C

Redigido em maio de 1946, veio à tona entre novembro e dezembro de 1947, no contexto do Plano de Partilha. Seu intuito era desestabilizar operações de defesa e ocupar terras árabes situadas entre colônias judaicas então isoladas. O plano foi conduzido conforme uma campanha de terror psicológico para desmoralizar a população árabe. No fim de março de 1947, as operações militares sionistas conduzidas sob o Plano C haviam resultado no despovoamento de ao menos 30 aldeias palestinas e no deslocamento de aproximadamente 22 mil pessoas.

PLANO D

Datado de março de 1948, tomou como base uma série de esquemas operacionais específicos, cujos elementos gerais remetiam a 1944. Sua finalidade era expandir as terras judaicas para além das fronteiras propostas pelas Nações Unidas, ao confiscar tantas terras quanto possível antes de se encerrar o Mandato Britânico – data marcada pelos sionistas para declarar seu Estado.

O PLANO D DO HAGANAH

O novo plano – então implementado – tinha objetivos abrangentes:

- Tomar posse e assumir controle de todos os serviços públicos, incluindo correios, telefonia, delegacias, rodovias, ferrovias, portos e aeroportos – negar tais serviços ao inimigo;
- Lançar operações contraofensivas previamente planejadas contra bases adversárias, onde quer que estivessem, incluindo fora da Palestina;
- Ocupar posições importantes e estratégicas mantidas pelos árabes e palestinos dentro e fora de Israel;
- Ocupar posições da vanguarda árabe dentro de seus territórios;
- Aplicar pressão econômica sobre o inimigo ao sitiar cidades, para forçá-lo a abandonar suas atividades – isto é, partir;
- Tomar posse e assumir controle de bases adversárias tanto nas áreas rurais quanto urbanas.

O Plano D delineou uma estratégia aberta de guerra intensiva. Dentre suas provisões, estava “o cerco às aldeias e realização de buscas em seu perímetro. Em caso de resistência, os elementos armados [deveriam] ser exterminados e a população, expulsa das fronteiras do Estado”.

Para as zonas urbanas, prescreveu o plano: “Ocupação e controle de todos os bairros árabes isolados, cerco às municipalidades árabes e cessação de serviços vitais, como água, eletricidade, combustíveis etc. [...] Em caso de resistência, a população deve ser expulsa”. Além disso, “destruição das aldeias – ao atear fogo, explodi-las ou plantar minas em seus escombros”, para impedir que os refugiados eventualmente retornassem.

O plano foi posto em prática em torno de 2 de abril de 1948 – desta vez, com um contingente sionista de 65 mil homens, várias vezes maior do que o número de eventuais defensores árabes, sejam os residentes das aldeias, voluntários da Irmandade Muçulmana do Egito ou uma gama variada de soldados do Exército de Libertação Árabe (ELA). A negligência britânica sobre a proteção de civis encorajou o comandante sionista David Ben-Gurion a intensificar seu assalto. Em uma série de ofensivas simultâneas, todos as lacunas e pontos estratégicos que separavam as colônias judaicas foram capturados pelas tropas sionistas.

O que se seguiu foi uma onda de massacres conduzidos estrategicamente nas aldeias palestinas, como preparativo à “declaração de independência” do Estado de Israel, deixando para trás uma intensa limpeza étnica contra a população nativa, supostamente em nome de uma pátria judaica.

○ 14 DE MAIO DE 1948: DECLARADO O ESTADO DE ISRAEL

Às vésperas da “independência” de Israel, o Haganah conduziu sistematicamente centenas de massacres contra as aldeias palestinas. A limpeza étnica, na forma de assassinato e expulsão em massa, abriu caminho para a criação do Estado, declarado “independente” em 14 de maio – mesmo dia das chacinas de Abu Shusha e outras aldeias. Muitos refugiados tiveram de fugir aos campos de Gaza, onde permanecem até hoje.

O Haganah foi rebatizado como Forças de Defesa de Israel (FDI), sob a ironia notável no termo “defesa”. Suas tropas chegaram a 120 mil soldados divididos em nove brigadas, responsáveis por executar 31 “operações militares” somente em 1948.

○ 18 DE JULHO: A SEGUNDA TRÉGUA

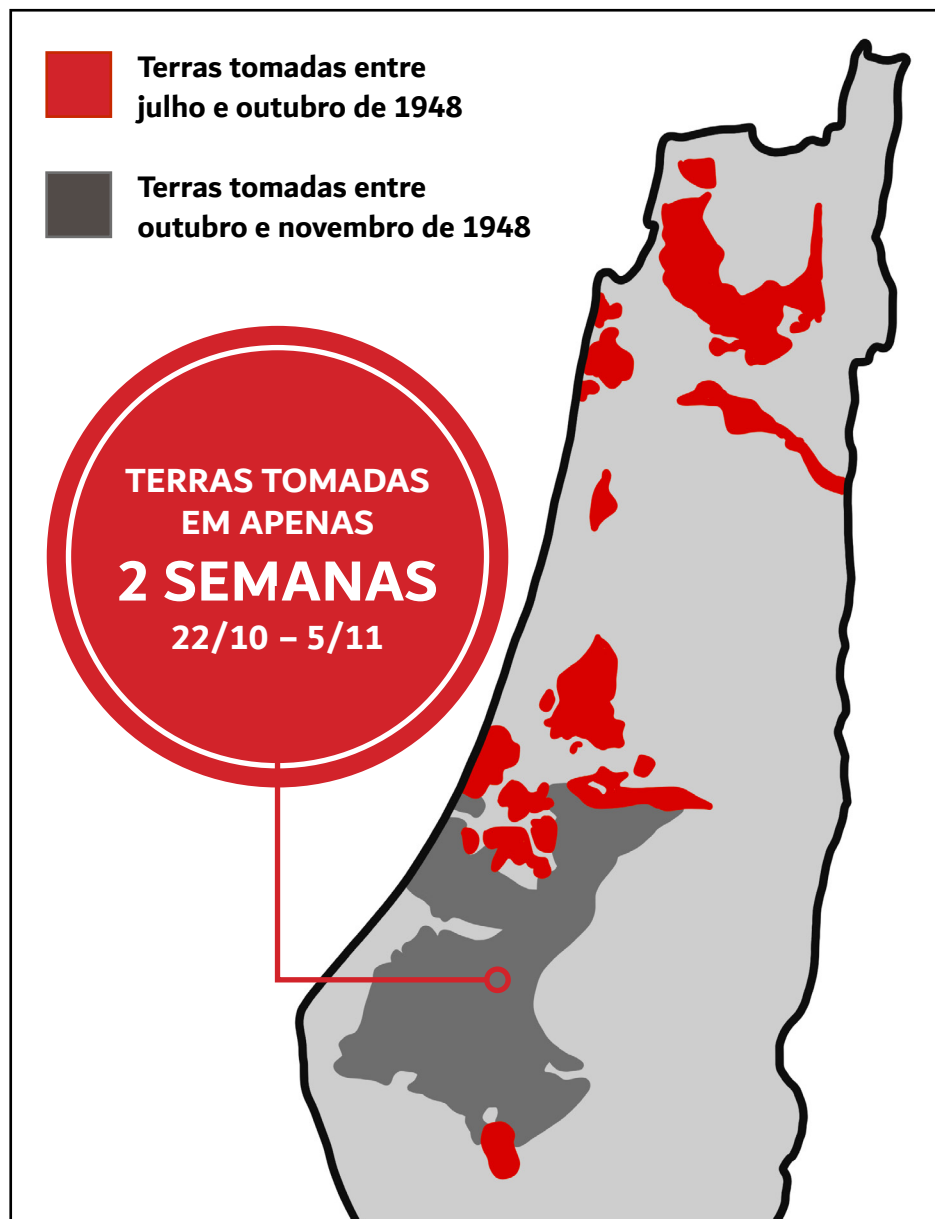
Uma trégua foi declarada em 18 de julho de 1948. No entanto, violada pelos sionistas em 15 de outubro. Nas semanas seguintes, sobretudo na segunda metade do mês e primeira quinzena de novembro, sionistas varreram grande parte do sul e norte da Palestina histórica.

○ 15 DE OUTUBRO: TRÉGUA VIOLADA

Ao sul do país, a invasão do exército israelense resultou na ocupação de grande parte do território, então carente de defesa por tropas regulares. Algumas aldeias foram defendidas virtualmente por poucos rapazes sem qualquer treinamento e equipados somente com um punhado de fuzis da Primeira Guerra Mundial. Uma força egípcia chegou ao litoral – no entanto, superada por ampla margem tanto em número quanto poderio armado. Sem opção, foi forçada a recuar.

○ INÍCIO DE NOVEMBRO: TERRA CONQUISTADA

Entre outubro e novembro de 1948, em menos de duas semanas, as forças israelenses conquistaram e ocuparam aproximadamente 2.706 km² do território sul da Palestina – então destinado ao suposto Estado árabe delimitado pelo Plano de Partilha das Nações Unidas.



YOAIV – AS DEZ PRAGAS

Quarenta e três aldeias palestinas foram alvejadas e despovoadas. Catorze, no distrito de Jerusalém, foram dizimadas por uma ofensiva denominada “Ha Har”. O restante foi evacuado à força por uma campanha denominada “Yoav” (“As Dez Pragas”). Dez dessas comunidades estavam localizadas no distrito de Al-Khalil (Hebron), dentre as quais, Dawayima. Outras catorze ficavam no distrito de Gaza e cinco no distrito Beer Sheba, incluindo a capital regional homônima.

A conquista extraordinariamente rápida de tamanho território foi possível por meio de terrorismo e derramamento de sangue, incluindo ocorrências de saque, destruição, estupro e assassinato.

Um dos massacres mais selvagens ocorreu em Dawayima.



89º Batalhão durante a Operação Yoav, em outubro de 1948
[Arquivo Palmach]

43

ALDEIAS PALESTINAS
DESPOVOADAS

OPERAÇÃO HAR HAR



14

ALDEIAS DESTRUÍDAS
NO DISTRITO DE JERUSALÉM

OPERAÇÃO YOAV



14

ALDEIAS DESTRUÍDAS
NO DISTRITO DE GAZA

10

ALDEIAS DESTRUÍDAS
NO DISTRITO DE HEBRON

5

ALDEIAS DESTRUÍDAS
NO DISTRITO DE BEER SHEBA2.706 KM²DE TERRAS PALESTINAS OCUPADAS
EM APENAS DUAS SEMANAS

DAWAYIMA

Ed Dawayima se localizava na extremidade oriental do território ocupado durante o primeiro momento da invasão israelense. Sua população correu em socorro de seus vizinhos assim que atacaram os sionistas. Diante do perigo iminente, buscaram se preparar para poder se defender.

Al Maghaz, localidade estratégica situada onze quilômetros a sudoeste de Dawayima, serviu de posição estratégica às forças israelenses. Em um primeiro momento, tropas egípcias e voluntários locais conseguiram repelir as milícias sionistas. No entanto, logo após os voluntários voltarem para suas casas, foram surpreendidos pelo abandono inexplicável do local pelos egípcios, ainda na calada da noite. Soldados israelenses retomaram a área sem demora, deixando os limites ocidentais da aldeia absolutamente expostos e vulneráveis.

23 A 25 DE OUTUBRO: CAEM OS VIZINHOS

O povo de Dawayima assistiu impotente as aldeias vizinhas caírem como moscas, sob invasões e ataques cada vez mais brutais das forças israelenses, muito bem armadas e organizadas. A defesa palestina consistia em simples camponeses que tentavam proteger suas famílias com seus corpos e suas espingardas. Bayt Jibrin caiu em 23 de outubro, então Qubayba no dia seguinte. Famílias aterrorizadas de ambas as aldeias, entre outras tão distantes quanto Faluja, fugiram a Dawayima.

A retirada egípcia de Al Maghaz precedeu a saída de 200 soldados sudaneses da aldeia de Al Qubayba, a noroeste, na noite de 25 de outubro. A unidade recebera ordens de marchar a Al-Khalil.

26 DE OUTUBRO: A ALDEIA SE REÚNE

Os residentes de Dawayima conduziram uma reunião comunitária no dia seguinte, para ponderar sobre seu destino. Estavam sozinhos, abandonados. As forças invasoras pareciam à espera de dar o bote.

Entre as principais famílias, prevaleceu a opinião de que era preciso buscar ajuda. Uma delegação viajou a Al-Khalil para tentar se encontrar com os comandantes egípcios e jordanianos – contudo, nenhum deles se dispôs a conversar com eles. Voltaram para a casa tragicamente desmoralizados.

Ao perceber que ninguém viria a seu socorro, o pânico tomou conta e os residentes palestinos de Dawayima começaram a fugir. Algumas famílias juntaram seus pertences sobre o lombo dos burros e camelos. Mulheres, idosos e crianças saíram rumo a leste, para que se abrigassem nas grutas tão comuns na região e em seus arredores, que existem até hoje.

AS FAMÍLIAS DE DAWAYIMA

1. Al Ghawanima
2. Al Jawawida
3. Al Adariba
4. Al Khudour
5. Al Kharsa
6. Abu Subeih
7. Al Absiya
8. 'Asha
9. Al Ayassa & Al Sabateen

10. Al Manasera
11. Al Abadeen & Al Zaatera
12. Al Muqousi
13. Al Abadeen
14. Hudeib
15. Souq Al Jum'a
16. Al Aqtash & Al Sabateen
17. Mu'ailaish, Al 'Ameri & Al Hujouj

26 DE OUTUBRO: APREENSÃO

Apesar das tropas egípcias subitamente deixarem o local, uma unidade solitária de Faluja e al-Manshiya insistiu em defender seus postos. Seu comandante era Assayed Taha. Seu vice, Jamal Abd el-Nasser, cujos atos de bravura ressoam até hoje.

28 DE OUTUBRO: INTENÇÃO DE MATAR

Ao cair da tarde de 28 de outubro, quinta-feira, um jipe blindado com um comandante e três soldados se aproximou da aldeia. As pessoas se apressaram a seu encontro, na esperança de que fossem forças aliadas atendendo aos chamados por socorro. Em árabe, o comandante perguntou sobre suas posições de defesa. Então, olhou pelos binóculos à procura dos postos mantidos pelos israelenses. Pediu aos calma aos residentes: a ajuda estava a caminho. Eram, contudo, soldados disfarçados, incumbidos de reconhecimento.

A intenção das tropas sionistas era matar – algo evidente desde os primeiros instantes da operação Yoav.

O historiador israelense Yair Auoron observou em reportagem ao jornal *Haaretz*: “Yigal Alon, comandante da frente sul, declarou: ‘Hoje à noite, a brigada terá sua vingança. Hoje à noite, os dias de luto de nossa aliança serão vingados’”.

29 DE OUTUBRO (MANHÃ): O MASSACRE DE DAWAYIMA

Na manhã de 29 de outubro, sexta-feira, aqueles que continuaram na aldeia, foram à feira, como faziam todas as semanas, para comprar e vender suprimentos. Um homem desconhecido surgiu a cavalo. Parecia agitado, galopava para ambos os lados e berrava de maneira incoerente. Era um mau presságio, que muitos recordariam de ver momentos mais tarde.

Um extenso comboio de veículos blindados foi então avistado nos arredores da aldeia e 20 deles se aproximavam de al-Qubayba, pela estrada de al-Ghafar. Eram em torno de cem a 150 soldados, membros do infame 89º Batalhão da Oitava Brigada – conhecido também como o batalhão de Moshe Dayan, muito embora fosse fundado e chefiado por Itzhak Sade.

O comandante do front sul era Yigal Alon, que prometera não deixar uma única aldeia palestina intacta no sul do país.

OS BATALHÕES DE ATAQUE

Às 10h30 ou 11 horas da manhã, o comboio israelense parou em Rasm al Arous para inspecionar seus arredores com binóculos. Desta posição, não era possível à aldeia avistar seus invasores, escondidos pelo relevo e pelos arbustos. As tropas sionistas então se dividiram em três.

Seu comandante-chefe era Dov Chesis, do 89º Batalhão da Oitava Brigada. O perito em explosivos era Yaakov (Sika) Aharoni, nascido na Bulgária. O agente responsável pela operação com um todo era Yaakov (Yashka) Eliav, da Rússia. O comandante em exercício era Ephraim Brill, assistido por Naphtali Erbeil. Abraham Vared era um dos soldados em campo.

BATALHÃO A

Comandado por Uri – mais tarde, general-brigadeiro a serviço em Suez, em 1969 –, avançou pelo norte.

FAMÍLIAS ASSASSINADAS:

1. Al Ghawanima
2. Al Jawawida
3. Al Adariba
4. Al Khudour
5. Al Kharsa
6. Al Manasera
7. Al Abadeen & Al Zaatera
8. Al Muqousi

INVASÃO DE CASAS

Os soldados sionistas se espalharam pelos becos em todas as direções, invadiram casas e assassinaram todos que encontraram, incluindo mulheres e crianças. Não havia comparação de forças entre os agentes israelenses e os residentes indefesos. Os colonos, portanto, foram implacáveis.

S. Kaplan participou do ataque. Embora tenha criticado a selvageria que testemunhou em primeira mão, nada fez para impedir o massacre, salvo uma carta escrita a um amigo alguns dias depois.

BATALHÃO B

Comandado por Haim Shabtai (Diko), avançou pelo centro.

FAMÍLIAS ASSASSINADAS:

1. Abu Subeih
2. Al Absiya
3. 'Asha
4. Al Ayassa & Al Sabateen
5. Al Abadeen
6. Hudeib
7. Souq Al Jum'a

ATAQUE NA MESQUITA

“ VOCÊS TÊM DE MORRER PARA ENCONTRAR ALLAH ”

O Batalhão B invadiu a Mesquita de al-Zawiya, onde 65 homens idosos e debilitados realizavam suas preces de sexta-feira. Khalil Mohamad Mahmoud Salim Hudaib, então com dez anos de idade, lembraria mais tarde dos horrores que testemunhou. À tarde, pouco após as orações, Khalil se escondia com seus pais em uma casa vizinha, quando viu os soldados pularem de seus carros rumo à mesquita.

Os velhos anciões da ordem religiosa local imploraram aos soldados: “Não nos matem”. Os soldados riram; seu comandante respondeu: “Vocês têm de morrer para encontrar Allah”.

Os fiéis entoaram o *shehadah*, oração islâmica que antecede a morte: “Não há outro Deus senão Allah; Muhammad é seu profeta”. O imã Mohammad Mutlaq al-Ghwanimah gritou: “Oh, Deus”. Um tiro ressoou pela mesquita e o sheikh caiu no chão. Um dervixe suplicou aos céus: “Oh, Deus! Allahu Akbar”. Um soldado caçou: “Morre, porque tu és grande [akbar]”. Então disparou contra ele.

Um fiel recebeu as ordens: “Entre no carro. Logo você vai descansar para sempre junto de seus amigos”.

Aqueles que conseguiram se esconder não ousaram deixar seus abrigos antes de anoitecer. Quando enfim saíram, encontraram os corpos de seus amigos espalhados pela mesquita e por seus pátios. Os homens seqüestrados foram encontrados mortos nos arredores da aldeia.

BATALHÃO C

Comandado por Haim Shabtai (Diko), avançou pelo centro.

FAMÍLIAS ASSASSINADAS:

1. Al Aqtash & Al Sabateen
2. Mu'ailaish, Al 'Ameri & Al Hujoouj

“ Não houve batalha ou resistência. Não havia ninguém para ajudar. Os primeiros invasores mataram de 80 a cem árabes, incluindo mulheres e crianças. As crianças tiveram o crânio partido com golpes de cassetete. Não havia casas sem seus mortos. A segunda onda era o pelotão ao qual eu pertencia.

Na aldeia, os árabes que ali ficaram, homens e mulheres, foram trancados em casas sem comida ou água. Então, vieram os engenheiros para explodir as residências. Um comandante ordenou seu engenheiro a pôr duas mulheres idosas dentro da casa que estava prestes a explodir. O engenheiro negou e pediu instruções de seu próprio comandante. Ele repetiu a ordem. Os soldados trancaram as mulheres no local para realizar o feito.

Um soldado se gabou de estuprar uma mulher e executá-la a tiros. Uma moça com um bebê de colo foi obrigada a limpar o quintal onde comiam os soldados. Ela os serviu por um dia ou dois – então foi fuzilada com seu filho. Comandantes instruídos e civilizados, homens de bem, viraram assassinos monstruosos na primeira oportunidade. Esta metamorfose, porém, não adveio do calor da batalha, mas ocorreu durante um processo metódico de expulsão e destruição.

Quanto menos árabes sobrassem, melhor. Este princípio serviu de norte a nossas atrocidades, contra as quais ninguém interveio, nem em campo, muito menos no alto escalão do comando militar. Eu mesmo estava na vanguarda havia duas semanas e escutei tanto soldados quanto comandantes se vangloriarem de caçar e foder [sic]. O estupro, simples assim, era considerado um feito impressionante e havia competições para ganhar o troféu. ”

**CARTA DE S. KAPLAN A AL-HAMISHMAR, DE 1948,
PUBLICADA POR YAIR AURON
NO HAARETZ, EM 5 DE FEVEREIRO DE 2016**

AS CAVERNAS

Aqueles que conseguiram escapar correram rumo a leste, na direção de Bayt Awwa e Dura, ainda mais distante. Outros se esconderam nas cavernas próximas à aldeia, poucos quilômetros ao sul.

Trinta e sete famílias se abrigaram em uma gruta conhecida como Tor Az Zagh. Dois soldados, contudo, conseguiram encontrá-los. Os residentes se encolhiam apavorados, em silêncio absoluto, contra as paredes da caverna, quando chorou uma criança. Os carros de patrulha pararam por um instante, deram meia volta e seguiram o pranto. Com as metralhadoras apontadas para a gruta, ordenaram todos a deixarem o local, em duas fileiras: homens de um lado, mulheres e crianças do outro.

RELATOS DOS SOBREVIVENTES

RAHMA AHMAD MUSLEH 65 ANOS, DE AL QUBAYBA

“ Estavam todos escondidos contra as paredes da gruta, segurando suas crianças, apavorados com a morte iminente. Ninguém ousou chorar. Os soldados vieram à entrada da caverna, apontaram as armas e berraram: ‘Fora! Fora!’. Ibrahim Joudeh al-Ameri içou seu lenço branco bem alto como sinal de rendição. Ele deixou a caverna, seguido por homens, mulheres e crianças, tremendo de medo, sem saber qual seria seu destino imediato. Uma mulher, Libqa al-Ameri, enterrou-se com suas roupas e se recusou a sair. Ela sobreviveu.

Um homem, Mohd Hussein Muslih, aproveitou a confusão, pulou fora da linha de tiro e correu como nunca, seguido pelas metralhadoras. Ele sobreviveu. Outro que sobreviveu foi Ismail al-Ameri.

Os soldados mandaram as pessoas apertarem o passo perto de um poço. Estavam alinhadas em duas fileiras, homens e mulheres, cercados de soldados. Três soldados se aproximaram das mulheres e escolheram três meninas dali. As meninas imploraram para que fossem deixadas em paz. As mulheres suplicavam aos prantos, desesperadas: ‘Deixem as meninas, por favor!’. Os soldados fuzilaram as mulheres e levaram as meninas embora.

Foi assim. Um comandante ordenou: ‘Atirem’. Uma chuva de balas caiu sobre todo mundo. Gritos de dor, choros desesperados, preces de último minuto encheram os ares da aldeia.

Um bebê chorou no colo de sua mãe, deitada no chão. Naifa deu o peito para acalmá-lo e cobriu ambos. Quando ergueu a cabeça, uma bala voou e seu bebê morreu instantaneamente. Naifa congelou, não conseguiu se mover até escutar os passos dos soldados deixando o local. Após um breve silêncio, tentou se levantar, mas não conseguiu. Corpos estavam por todo o lado, todas as formas e tamanhos, alguns de costas, outros de bruços, alguns até ajoelhados. Ela encontrou seu irmão, inconsciente, baleado sete vezes – ainda vivo. Pouco depois, encontrou o marido na aldeia vizinha de Bayt Awwa. ”

ZULEIKHA ABDALLAH HUDEIB **60 ANOS**

“ Ela estava na caverna de Al Zagh com seus filhos – duas meninas e um menino –, além de seu marido. Sob uma saraivada de balas, ela se fingiu de morta até que os soldados fossem embora. Uma de suas filhas morreu.

As pessoas sangravam por toda a parte. Então viu crianças surgirem ensanguentadas debaixo dos corpos, aos prantos, chorando por suas mães e seus pais.

Zuleikha encontrou seu filho, Mohamed, ferido no braço. Procurou por seu marido na fila dos homens e finalmente o encontrou à beira da morte. Chamou: ‘Salem, Salem’ e ele abriu os olhos devagar e sussurrou: ‘Zuleikha, como estão as crianças?’

‘Estão bem’, respondeu.

‘Me cubra, por favor. Leve as crianças e corra antes que os israelenses voltem e matem você’. Ela cobriu o marido, pegou sua filha morta no colo, os filhos feridos lado a lado, e fugiu para Bayt Awwa. ”

HAIJ ABDULLAH MOUSA HAJJI **65 ANOS**

“ Ele se escondia entre os rochedos perto de Zagh. Viu quando os israelenses puseram três meninas em um carro, em direção à aldeia. Elas gritavam. Chegaram a um local conhecido como Mrah el-Kawn, onde interrogaram um senhor idoso chamado Mahmoud Mohd al-Sabateen. O homem reclamou: ‘Haram Alikum [Que vergonha], levando essas meninas. Me levem no lugar.’

Naquele instante, os soldados foram surpreendidos por um homem solitário que atirou contra eles. Mataram as meninas imediatamente para perseguir seu inimigo. Não conseguiram encontrá-lo. ”

MOHD ISMAIL QAISIYYA **10 ANOS**

“ Ele segurava a mão de seu irmão, Khalil, e sua irmã mais velha, de 12 anos, junto de sua mãe, seu pai, sua avó e outras pessoas. Os israelenses dispararam contra eles e ele caiu no chão, com a cabeça sangrando. Quando os israelenses foram embora, encontrou sua mãe, seu irmão pequeno e sua avó – todos mortos.

Foi atrás de seu pai no lado dos homens e não tardou em achá-lo – também estava morto. Seu outro irmão e sua irmã desapareceram. Mais tarde, conseguiram se reencontrar em Dura.

Outro sobrevivente encontrou um bebê, ainda vivo, mamando no peito de sua mãe morta. ”

ISMAIL AHMAD SHEHADEH ABD EL JAWAD AL-AMERI 8 ANOS

“ Ele foi baleado na cabeça, assim como sua irmã, de dez anos. Seu pai veio à noite e o levou ao hospital de Al-Khalil para ser operado, na tentativa de extrair a bala alojada em seu crânio. Ele sobreviveu, mas perdeu o olho esquerdo. ”

29 DE OUTUBRO: A RESISTÊNCIA FINAL

Alguns residentes lutaram bravamente contra todas as chances. Sobreviventes se lembram da história de um senhor idoso, Othman Abdel Qader al-Khudour.

Ele sabia que era uma batalha perdida, mas estava determinado a “dar a sua casa sua devida defesa”.

Seu filho tentou dissuadi-lo e tirar o rifle de seus braços, mas foi repellido. Othman pôs um cinto de munições sobre seus ombros e se apressou para encontrar os tanques que avançavam pelo sul da aldeia. Escondido detrás de um muro, disparou contra os soldados – atingiu alguns. Os soldados então descarregaram sua metralhadora, uma chuva de balas. Ele conseguiu se esconder e pular de um lugar ao outro. Salem Haj Abdel Aziz al-Hajer lhe implorou para ir embora. Respondeu: “Não se preocupe, filho. Vai você. Eu vou ficar”.

Então, correu com facilidade para o norte da aldeia, pulando de um beco a outro, atirando nos tanques que haviam chegado à altura das casas. Seu corpo foi encontrado cravado de balas em um lugar chamado Al Budd. Os soldados desceram dos tanques e lincharam seu corpo. Mais tarde, à noite, jovens rapazes se esgueiraram pelas sombras para enterrá-lo em um pequeno sepulcro memorial, junto de quatro camaradas que morreram no massacre.

RESULTADOS

Após o massacre, soldados escavaram trincheiras e instalaram minas nas estradas, para impedir que os residentes voltassem a suas terras. Alguns residentes regressaram na esperança de encontrar sobreviventes, enterrar seus mortos ou recuperar alguns pertences deixados para trás.

A maioria daqueles que retornaram foram mortos. Alguns foram capturados e levados a um campo de concentração em Sarafund. Milhares foram forçados a trabalhar, escavar trincheiras para as forças invasoras, transportar munição e explosivos, enterrar os mortos e carregar os caminhões israelenses com os espólios roubadas dos lares palestinos.

Os agressores israelenses ficaram na aldeia por dias, ao menos uma semana. Atearam fogo às casas para destruir evidências de seus crimes. O cheiro de carne queimada preencheu o ar.

ENCOBRINDO OS CRIMES

As autoridades do Egito reportaram o massacre à ONU, que encaminhou os chamados observadores da trégua para investigar o caso. Os israelenses, contudo, obstruíram as operações, incluindo ao dissuadir os relatores internacionais de viajar pela estrada de Qubayba, ao acusar falsamente os palestinos de instalar minas explosivas no local.

2 DE NOVEMBRO

As forças israelenses passaram dias e dias queimando casas, removendo destroços e enterrando corpos. Apenas então, dois soldados acompanharam o capitão Jaquet (França) em uma visita à aldeia. Absolutamente nada de incomum foi registrado – as evidências foram “limpas”.

5 DE NOVEMBRO

Em 5 de novembro, os capitães Ivey (EUA) e Jaquet (França) expressaram intenção de visitar o local, mas foram proibidos de avançar sob o pretexto de que a rodovia estava “minada”.

8 DE NOVEMBRO

Em 8 de novembro, o emissário J. Van Wassenhoeve (Bélgica) e o coronel Sore (França) visitaram o local junto de soldados israelenses, resultando no primeiro relatório detalhado.

“ Não encontraram minas. Cerca de 15 casas queimavam, os telhados destruídos. Havia um odor peculiar de carne ou ossos queimando. O oficial [israelense] confirmou a eles que ‘queimavam o local para se livrar dos insetos. No meio da cidade, foram interrompidos. ‘Houve uma explosão ... havia insetos ali; por isso, explodiram o local.’ ”

NEGACIONISMO

Em uma falsificação característica, marca registrada da oratória sionista, Abba Eban chegou ao ponto de negar a existência de Dawayima. O massacre, portanto, não teria ocorrido e as narrativas palestinas das atrocidades foram descartadas como “lúgubres e sensacionalistas”.

A ONU LAVA AS MÃOS

Os soldados israelenses ludibriaram os relatores das Nações Unidas que investigavam suas atrocidades.

Em último caso, estes de fato preferiram lavar suas mãos. Um dos investigadores viu um cadáver “carbonizado”. Os soldados agiram “com surpresa, incomodados com aquilo”. Então repetiram o mantra de que os árabes haviam deixado a aldeia.

Os relatores internacionais desejavam ver o “outro lado” da aldeia – isto é, a parte detrás da mesquita. O agente israelense responsável pelo contato com a delegação não autorizou sua passagem, sob a alegação de que “as tropas estavam lá”. “A estrada está bloqueada”, ecoaram os invasores.

Um oficial israelense lhes assegurou que jamais invadiriam a mesquita porque seria antiético e suas tropas certamente respeitavam as tradições.

Embora gentis, as palavras do relatório confirmam que os israelenses agiram para encobrir seus crimes hediondos. O massacre foi rotulado, porém, como um “incidente de guerra”, sem dar voz às vítimas. Não houve repercussão das partes: nenhuma investigação detalhada, nenhuma indenização, nenhum criminoso punido.

BAIXAS: HÁ UM NÚMERO?

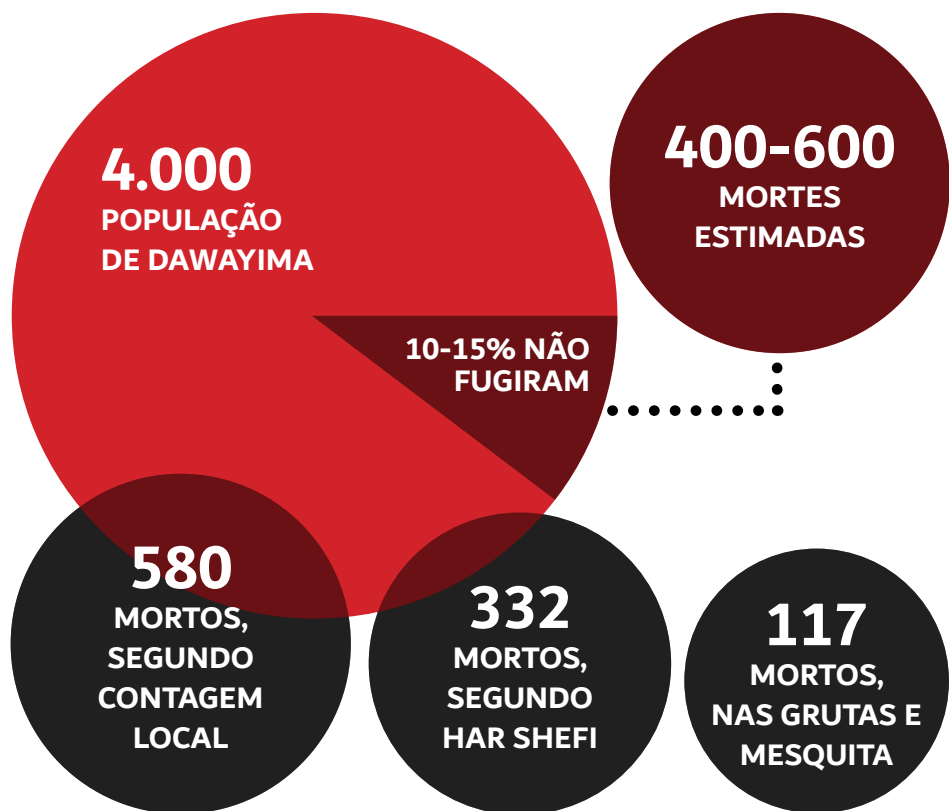
Como mensurar o massacre? Os mortos nas ruas, enterrados nos escombros, atirados nos poços, queimados e transformados em cinzas.

Alguns números foram especulados. O *mukhtar* (chefe comunitário) da de Dayawima, Hassan Mahmoud Hudaib, estimou **580 vítimas fatais** ao comandante jordaniano em Al-Khalil, Ibrahim Krishan.

Yoella Har Shefi foi a única jornalista israelense a visitar o local, junto do *mukhtar* palestino, em 1984, e calculou o número de mortos em modestas **332 vítimas**. Hassan Abu Sbeih listou **171 nomes** de indivíduos assassinados apenas na mesquita e em Tor al Zagh.

Havia **quatro mil pessoas** na aldeia de Dawayima. Se **entre 10 e 15%** não conseguiu escapar, significa que **400 a 600 pessoas** estavam presentes no momento do massacre. Nenhum sobrevivente foi encontrado.

E qual o sentido de precisar um número? Quando criminosos matam tudo que respira, qual a diferença entre cem e mil mortos? O que aconteceu foi genocídio – simples assim.



DAWAYIMA HOJE

O pânico levou os residentes remanescentes a fugir para as cavernas e os campos de refugiados. Segundo censo de 2008 da Agência das Nações Unidas para Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA), estima-se 43.604 refugiados com raízes em Dawayima, distribuídos na Faixa de Gaza, Cisjordânia, Jordânia e Líbano. Para conservar a memória e construir relações, a Sociedade Dawayima para Desenvolvimento Social foi criada no início da década de 1980.

A colônia de Amazya foi fundada em 1955, construída sobre as ruínas de Dawayima, perto da caverna de Hazaneh, que ainda contém os restos de um moinho local. A área foi cercada e aplainada. No centro, existe hoje um estábulo, um galinheiro e um silo. A parte sul contém alguns terraços de pedra e ruínas de uma casa. O leste é tomado por um dos bairros da colônia. Alfarrobas, oliveiras e cactos crescem nas encostas naturais.

Pesquisadores israelenses visitaram o local e escreveu um longo estudo “arqueológico” sobre seus dois mil anos de história, sem jamais mencionar o massacre ou os esqueletos de suas vítimas.

Hoje, a terra de Dawayima é irreconhecível e seus muitos descendentes são refugiados na região e na diáspora. Contudo, jamais se esqueceram ou abdicaram de seu direito de retorno.



- 600** MORTOS EM 1948
- 60.582** DUNUMS DE TERRAS ROUBADAS
- 62.374** REFUGIADOS DE DAWAYIMA (EST.) EM 2019

REFERÊNCIAS

Em árabe:

- Mousa Abdel Salam, Hudaib, Ad Dawayima, Dar Al Jalil, Amã, 1982 e 1985.
- Ahmad al Adarbe, Ad Dawayima, Universidade de Birzeit, 1977.
- Hassan Abu Sbeih, Ad Dawayima, 2015.

Em árabe e inglês:

- <http://www.palestineremembered.com>

Em inglês:

- C. Conti e A. Alcantara, Palestine: Memories from 1948, Hesperus, 2018.
- Terror in Dawayima: Testimony of Rushdieh al Hudeib, pp. 67- 75.
- Carta de Abba Eban à Nações Unidas nega a existência da aldeia: www.un.org/unispal/document/autoinsert-210480/
- Relatório do Congresso de Refugiados Árabes sobre o massacre à Comissão de Conciliação para Palestina das Nações Unidas: www.un.org/unispal/document/autoinsert-211083/
- www.palquest.org/en/historictext/21847/report-submitted-arab-refugee-congressramallah-al-dawayima-massacre
- Enciclopédia da questão palestina.
- <https://www.palquest.org/en/highlight/22274/al-dawayima-29-october-1948>
- www.palestine-studies.org/en/node/1651779

- <https://en-academic.com/dic.nsf/enwiki/164684>
- Relatório de William Burdett, cônsul dos Estados Unidos em Jerusalém, encaminhado a Washington, 16 de novembro: https://everythingexplained.today/AIDawayima_massacre/
- Pesquisa histórica israelense, sem menção do massacre: www.academia.edu/76286999/Historical_Research_and_Archaeology_in_Ama%E1%BA%93ya_Duw%C4%81yima

Em hebraico:

- www.haaretz.co.il/literature/study/2016-02-07/ty-article/.premium/0000017f-e295-d9aa-afffbdd5ef40000
- Relatório Hadashot, por Yoella Har Shei, única a visitar a local: <https://www.nli.org.il/en/newspapers/hadashot/1984/08/24/01/page/18>
- www.nli.org.il/en/newspapers/hadashot/1984/08/24/01/article/66.1
- www.haaretz.com/israelnews/2019-07-05/ty-article-magazine/.premium/how-israel-systematically-hidesevidence-of-1948-expulsion-of-arabs/0000017ff303-d487-abff-f3ff69de0000

Há muitas outras referências e testemunhos na internet e no YouTube.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a Ahmad Adarbeh de Dawayima, que nos ajudou com sua extensa investigação de Birzeit e outros materiais; a Mohamad Rajab Abu Khadra, também de Dawayima, que nos deu a planta detalhada da aldeia e nomes de seus proprietários; a minha amiga, Susan Abulhawa.

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)